

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

...alumia-vos,
aponta-vos o ca-
minho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

Como um frade marano regressa ao judaísmo no século XVIII

(segundo o testemunho do Cavaleiro de Oliveira)

A 15 de janeiro de 1735, o P.^o Diogo, capuchinho, guardião do convento de S. Pedro de Alcântara, fugiu de Lisboa com D. Floriana, religiosa do mosteiro de Santa Ana, da ordem de S. Francisco. Estava eu presente quando recebeu o conde de Tarouca, em Viena de Austria, a noticia do rapto.

—Consumaram-se os tempos!—exclamou ele.—Sem dúvida que do concubinato do frade e da freira vai nascer o anticristo.

O conde não gracejava; falava a sério, convencido, como tôda a gente em Portugal, do acontecimento tremendo.

Imbuído desde a infância duma doutrina tão absurda, eu, também, sem repugnância acreditei não só na possibilidade, mas na infalibilidade da previsão.

Em 1741, quando dos olhos me tinham caído muitas das absurdas cataratas, dirigi-me a Amsterdão onde me encontrei com o P.^o Diogo que ali se havia refugiado. Com prazer travei relações com o homem que eu chegara a julgar pai presuntivo do anticristo. P.^o Diogo esposara D. Floriana e ambos haviam abraçado o judaísmo devido á grande necessidade em

que se achavam. No fundo detestavam a religião nova, oriundos como eram de cristãos-velhos, arreigados ás suas crenças, senão fanáticos. O pai de D. Floriana, António Manescal, além de livreiro e impressor do Santo-Ofício, tinha patente de familiar. O P.^o Diogo caminhava direito ao episcopado, graças á confiança que o rei lhe testemunhava. Confiança foi esta —diz-se— que custou ao soberano uma sôma elevada, de que o frade se apropriou ao deixar Lisboa. Mas não se chegou a gozar dela por o navio, em que ia, ter naufragado. Sei-o de fonte limpa, como sei que a tão desgraçado successo devia o P.^o Diogo ter abjurado do catolicismo para poder exercer o cargo de mestre de meninos da sinagoga de Amsterdão, escola que ainda hoje rege.

O frade era homem dotado de raro talento. A minha estima por êle seria grande se tivesse sido sincero na sua apostasia, mas tal não é lícito esperar do mérito e capacidade do P.^o Diogo. Talvez o hábito de se inculcar como judeu, a pontos de se esconder, vai em dezasseis anos, sob o nome de Arão Pereira, tenha operado o milagre da fé. Não sei.

D. Floriana, essa só aparentemente abjurou da religião em que nasceu, para —dizia ela— não servir de obstáculo ás conveniências do marido, Ouvi-lhe esta confissão várias vezes, confissão que ela se encarregava de confirmar pela mais beata e mais supersticiosa atitude que se possa imaginar.

Filha legítima duma espécie de esbirro, odiava o nome judeu; se estivesse na sua mão, os judeus todos da Holanda iam parar ao queimadeiro

D. Floriana morreu sem deixar filhos, portanto, sem ter a honra de ser a mãe do anticristo.

Da «Recreação Periódica»

• • •

Uma entrevista com Emil Ludwing

Perfil regular, olhos claros, alternadamente pensativos ou penetrantes, fonte de profundo pensador, assim nos aparece o primeiro estoriador da nossa época, no dia seguinte á conferencia que recentemente fez em Paris.

Conhece-se a prodigiosa fecundidade do homem que escreveu nalguns anos: *Gæthe*, *Napoléon*, *Guillaume II*, *Le mond tel que je l'ai vu*, e recentemente *Les Entretiens avec Mussoline*, não citando algumas das suas obras que a critica inglesa comparou por vezes ás obras de Carlyle ou de Macambay.

Não se tem esquecido tampouco que, de familia judia convertida ao cristianismo, Luwing proclama altamente as suas origens numa hora trágica da Historia dos Judeus de Alemanha.

Podemos interrogar o grande escritor e obter d'ele algumas opiniões pessoais sobre a situação dos judeus pelo mundo e particularmente na Palestina.

—Que pensa da situação dos Judeus sob o regimen fascista?

—E' muito próspera, nenhuma diferença é feita entre elles e os outros cidadãos. Alguns ocupam até cargos officiais.

—Posso perguntar-lhe se me permite interpretar uma frase que se encontra nos *En-*

tretiens avec Mussolini, frase á qual se tem dado interpretações diversas?

—De qual se trata?

—Daquella onde o Duce afirma que as raças têm um mérito vão e que o indivíduo pode livremente escolher uma de entre ellas, argumento do qual se tira a seguinte conclusão: «Bem! eu escolhi o Mediterraneo e tenho Nietzsche por grande aliado.»

Deve-se no Mediterraneo englobar a raça semitica?

—Mas sem duvida alguma, eu tenho, dum lado, inclinação para a raça judaica, e de outro lado, quiz participar que os meus gostos e a minha cultura reclamam do Mediterraneo, e que a minha gratidão adquiriu. Nietzsche tinha as mesmas ideias.

—Ele tem efectivamente vivido sob o ceu da Italia.

—Certamente. E como eu amo esta luz mediterranea, aquella que eu vi depois dos 25 anos sobre as margens do Lago Maior.

—Creio que o Snr. é partidário do sionismo?

—Tenho-o sempre defendido ardentemente, e encontro-me assim em contradição comigo mesmo, porque eu, internacionalista, defendo um movimento resolutamente nacionalista! Mas os sentimentos aqui devem sobressair aos principios, e eu sofri uma impressão que não pode ser esquecida no curso da minha viagem na Palestina, vendo a felicidade dos miseraveis exilados da Europa Oriental. Nada, na verdade, é mais comovente que esta ressurreição

—Há muito tempo que esteve na Palestina?

—Três anos. Encontrava-me lá no momento dos sangrentos acontecimentos de Hebron e tive, depois do alvoroço, uma discussão com o grande-mufti, mas quando eu lhe perguntei: «Enfim, porque não condenou publicamente os árabes instigadores do movimento?» Ele ergueu-se e disse-me gravemente: «Desculpai-me é a hora da oração...»

—Não poderia mais habilmente esquivar-se a uma resposta delicada!

—Visitou o Snr. a Universidade?

—Sim, fiz lá mesmo uma conferência. Não estava ainda muito florescente para a época, mas está hoje bastante mais próspera. E que esplendida vista existe sobre toda a Transjordania!

—Quer falar-me da questão judaica na Alemanha?

—Que poderei eu dizer-lhe, eu, sobre o antissemitismo alemão? Não ignora que saí do meu país.

—Está bem, não foi o assassinato de Rathenau que o decidiu a voltar ao judaísmo?

—Efectivamente. Eu fui batizado há 20 anos, por morte do meu amigo Walter Rathenau, covardemente abatido pelos antissemitas, resolvi fazer acto de solidariedade e, alguns dias mais tarde, eu abandonava a igreja cristã oficialmente, para mostrar que queria partilhar na tormenta a sorte da raça da qual venho.

Que acrescentar mais?

A elevação dum tal acto é bastante eloquente para êle próprio se abster de comentários, e este não é certamente uma das mais pequenas glórias do judaísmo que pode reivindicar homens dum tal valor.

Traduzido de «L'Univers Israelite».

• • •

O tricentenário de Espinosa

Acabava-se de comemorar em Haia o tricentenário do nascimento de Espinosa.

Todos os que tem no coração o amôr de espiritualidade no seu sentido mais elevado, associam-se á homenagem rendida áquele que foi um pensador profundo e um santo verdadeiro. «A sua serena e tranquila grandeza, escreve J. Freudenthal, devia exercer um encanto irresistível sobre todos os que eram capazes de apreciar a firmeza de alma e a nobreza de coração. A vida de Espinosa oferece entre as convicções, as doutrinas e os actos um acôrdo tal que a história da filosofia não conhece.

O judaísmo deve orgulhar-se com Espinosa: pertence-lhe pelo seu nascimento, sua primeira educação, sua vontade formal de não se converter ao cristianismo, suas virtudes intelectuais e morais, os principios profundos da sua filosofia.

A Burg. que pretendia convencê-lo ao cristianismo, respondeu exaltando os márti-

res de Israel, «o quê, diz, sabendo sofrer com uma força de alma singular. Aqui sou eu próprio testemunha da sua sinceridade.»

Numa carta, declara que afirmar que Deus se transformou em homem parece-lhe tão contraditório como afirmar que o círculo pode tomar a fôrma dum quadrado!

Denunciado pelo professor do ateísmo, escreveu a Ovsten: «Ora essa! eu lhe pergunto, terá regeitado toda a religião, aquele que tem como principio que Deus é o soberano, assim como é necessário ama-lo de toda a nossa alma livre? E que lá se encontram a nossa suprema felicidade e a nossa maior liberdade. Que a recompensa da virtude é a própria virtude, que se deve amar o próximo como a nós mesmo e obedecer á soberania do Poderoso.

Ora, não sómente afirmei tudo isto formalmente, mas também aprovei com as mais fortes razões».

Baruch de Espinosa nasceu em Amsterdam a 24 de Novembro de 1632.

Seu pai, Miguel, veio de Portugal, de Figueira perto de Coimbra.

Sua mãe chamava-se Anna Déborah Tinha duas irmãs, Rebeca e Miriam.

Era de pequena estatura, tinha os traços fisionómicos finos, a tez mate, os cabelos pretos e frisados, os olhos pequenos, pretos e vivos, uma fisionomia agradável, o tipo português.

Instruiu-se nos estudos biblicos e rabínicos, aprendeu o latim e o grego.

Os escritos dos teologistas judeus Maimonide, Hasday Crescas, Abraham ibn Ezra, Gersonide, produziram sôbre êle uma duradoura impressão.

Nós possuímos a lista dos livros da sua biblioteca.

Entre outras obras assinalamos o Moréh de Maimonide, os Dialoghi di Amore de Leon o Hebreu, o Séfer Tabnit dechal de Jacob Juda Aryé, o Taaloumôth Ihokhma de Joseph Kimki, o Schiérith Yocef de Joseph ben Schemtob, o Panim Hadasehoth de Isaac ben Hajim Yessouroun, l'Espérance d'Israel de Manassé ben Israel.

Mas foi sobretudo Descartes que exerceu sobre êle a mais profunda acção.

Espinosa regeita o principio de autoridade, emite duvidas sobre a autenticidade das Escrituras.

As suas opiniões criaram-lhe inimigos. Es-

tes publicavam que ele queria converter-se ao cristianismo.

Conta-se que numa noite em que ele saía da velha sinagoga portuguesa, um indivíduo se lançou sobre êle brandindo um punhal.

Espinosa apercebendo-se do golpe, desvia-se, de sorte que a ponta não lhe rasgou senão o vestuário.

Os rabinos, postos ao facto das suas tendências, mandavam-no comparecer diante deles. Faziam-lhe ver que o acusavam de desprezar a Lei.

O rabino Morteira, do qual Baruch tinha sido discípulo amado, o adjura de vir ao arrependimento.

Espinosa mantém as suas concepções. E' excomungado em Julho de 1656.

Cada vez mais desejoso de solicitude troca Amsterdam por Rhinburg, perto de Leyde. Passa todos os dias algumas horas a polir vidros para microscópico e telescópio.

Entretanto, com a publicação do «Tratado Teológico-político», a sua fama torna-se geral.

De todas as partes acorrem para conversar com êle, de todos os lados lhe chegam brilhantes propóstas.

O principe de Condé deseja ver Espinosa e compromete-se de lhe obter uma pensão anual do rei de França com a condição de dedicar uma das suas obras a Luís XIV. Mas o nosso filósofo, depois duma entrevista em Utrecht com M. de Luxembourg, que o recebe na ausencia do principe declina a pensão e volta a Haje.

Na sua volta está a ponto de ser tomado pela morte.

Acusam-no de se ter entregado no campo dos franceses para revelar os segredos tocantes aos trabalhos holandeses. Como o proprietário da casa que habita exprime o terror de ver a população arremessar-se contra o seu prédio: «Não vos alarmeis, replica Espinosa, eu estou inocente. Bastantes pessoas altamente colocadas sabem o motivo da minha viagem a Utrecht. Logo que vós ouvis o menor boato á vossa porta, eu descerei junto dessas gentes, devem tratar-me como trataram o bom M. de Wite. Eu sou um republicano sincero e só quero o bem do Estado».

Acabamos de pronunciar o nome de Jean de With.

Espinosa, que lhe estava muito ligada sentiu um vivo desgosto pelo massacre deste cidadão.

Na sua indignação, havia querido, no dia do atentado, afixar um papel com a inscrição «últimos dos barbaros». Mas o seu hospede impedira-o de sair e de se arriscar a fazer-se acutilar.

Charles-Louis, eleitor palatino, propôs-lhe uma dignidade cardealica «com a mais ampla liberdade de filosofia».

Espinosa não aceita, temendo ser incomodado na busca da verdade pelas considerações que lhe era necessário guardar para com a religião oficial.

Levara uma existencia modesta e retirada.

Seu amigo Simon de Vries enviou-lhe 2:000 florins, afim de que ele pudesse ter um pouco mais de bem estar, e Espinosa recusa a quantia, alegando que não tinha necessidade de nada e que isso poderia desviá-lo dos seus estudos.

O mesmo Vriers, que não tinha filhos quer instituí-lo legatário oficial.

Espinosa opôz-se para não privar o irmão de Vriers da sucessão.

Simon cedia ao seu empenho, sómente exigia uma pensão anual de 500 florins; ele não aceita senão 300.

Espinosa mostrava-se muito caritativo. Sabendo que alguém que lhe devia 200 florins fizera bancarrota, longe de ser comovido, «é necessário observar sorrindo, suprimir da maneira ordinária para repãrar esta pequena perca; é com este preço que se compra a firmeza».

Era afavel e serviçal, era amigo dos prazeres honestos, tinha-se a igual distancia da tristeza e da exuberância. Tenúo sabido que um dos seus supostos amigos excitava o povo e os magistrados contra êle, diz simplesmente: «não é de hoje ser querida a verdade! Está não será a murmuração que m'a fará abandonar».

Durante o tempo em que o seu hospedeiro estava doente, não deixava um dia sem que lhe fizesse uma visita e o não exortasse a suportar os seus sofrimentos.

Não cessava de recomendar aos meninos o serem respeitosos e seguirem os exemplos do seu culto.

Quando os seus vizinhos regressavam da oração, conversava com êles ácerca do sermão que haviam ouvido.

Não tomou nenhuma espoa. Havia pensado desposar a filha do seu mestre Van den Ende. Estava desgostoso, mas a sua ciência e o seu espirito haviam-no seduzido. Foi o condiscipulo de Espinosa, Kerkring de Hambourg, que se casou com ela.

Espinosa era duma constituição fraca. Sofreu a tísica durante os ultimos vinte anos da sua vida.

Sentindo vir a hora suprema, olha a morte intrépidamente. Entregou a alma a Deus a 21 de Fevereiro de 1677, tendo á sua cabeceira o seu amigo Louis Meyer. Foi-se embora aos 44 anos.

A sua Etica não apareceu senão depois da sua morte.

Não se reconheceu o valor de Espinosa senão no fim do século XVIII. Desde então a sua influência não cessa de crescer.

Ela é exercida, notavelmente, sobre Lemirg, Tichte, Shelling, Hegel, Schleiermacher, Goethe, Renan, Taine.

* * *

Depois desta escassa biografia, resta-me dar algumas indicações sobre as suas principais conseqüências. No seu *Tratado Teologico-político* não ataca a sua crêncã, mas sim o fanatismo. Apoia a verdadeira religião contra as desfigurações. Filosofia e Teologia são independentes uma da outra, porque elas apontam as verdades da natureza diferentemente. A Revelação ocupa-se da disciplina moral, do amor de Deus e dos homens; deixa livre as especulações e as crêncãs.

Em matéria de interpretação foi um dos percursores da critica científica.

Não fazia senão retomar o metodo de interpretação natural dito Peschat, praticada anteriormente por Raschi, Rambam, Abraham ibn Ezra. Estabelece três faculdades de conhecer: a imaginação, a razão e a intuição.

A maior realidade é a substancia que é infinita, quer dizer única, que existe necessariamente, e por amor de si, Deus. Sendo infinito, Deus tem aspectos ou atributos infinitos.

Sómente conhecemos dois destes: o pensamento e o entendimento. Estes atributos sendo infinitos não podem constituir seres finitos, os quais são devidos a modificações

dos seus atributos, que Espinosa chama «Modos».

Estes modos produzem os seres individuais dos quais cada um tem como disposição íntima o esforço para perseverar no seu ser.

Deus, enquanto substância infinita, é chamado «natura-naturante»; enquanto que êle é uma questão com os modos, é dito «natura-naturada».

A essência é o principio da vida emanente nos seres, o ser no que tem de permanente e de próprio.

A ideia da Lei aproxima o finito do infinito. A alma humana, infinita pela ideia de Deus, compreende pela consciência a vida universal que se manifesta nela. O bem supremo e o conhecimento de Deus, nossa salvação e nossa bemaventurança consistem num amôr constante por Deus. Conhecendo por uma espécie de necessidade eternal, a consciência de si próprio de Deus e das coisas jámais o sábio cessa de ser, assegura para sempre a verdadeira paz da alma.

A alma humana não pode acabar intimamente com os corpos; resta dela alguma coisa de eterna.

Há necessariamente em Deus uma ideia que exprime a essência do corpo humano e esta ideia é necessariamente alguma coisa que se liga à essência da alma.

Tais são, rápidamente resumidas, a vida e a filosofia de Espinosa que é toda junta uma das mais altas figuras morais, um dos maiores géneros do pensamento, uma das consciências mais profundamente religiosa da qual pode orgulhar-se o judaismo e a humanidade.

Pergunta-se como podem acusa-lo de ateismo, êle que tem inergicamente protestado contra esta exprobação, que vê tudo em Deus, que está inebriado de Deus.

Tudo tem feito no espírito do judaismo, combateu o fanatismo, o antro-pomorfismo, por meios livrar a religião pura, desinteressada, levantando-se, num entusiasmo fervente e que estremesse, ao amôr intelectual de Deus, á prática da virtude pela sua perfeição própria, encontrando no supremo conhecimento, na plenitude de intuição ra-

cional, na abundância do espírito sagrado, a perfeição e a felicidade

RABBI LUIZGERMAIN LEVY.

(Traduzido de «L'Univers Israelite» por David Morêno.)

Nota da Redacção—O pai de Espinosa era natural da Vidigueira (Alemtejo) e não da Figueira, conforme o demonstrou o Dr. Joaquim de Carvalho.



Os judeus em Cartago

Os judeus estabeleceram-se fóra dos reinos de Judah e de Israel desde uma época muito antiga, colonizando pacificamente, fundando feitorias, seguindo os povos navegadores do seu tempo.

Cartago punico tinha os seus judeus. Havia Comunidades judaicas nas feitorias fenicias distribuidas ao longo da Africa do Norte desde Cartago até Tanger. Fenicios e hebreus falavam e escreviam a mesma lingua. Os primeiros navegadores, artistas, industriais; os segundos empresarios, commerciantes.

Antes da destruição de Cartago em 146 antes de Cristo, existia ali uma Comunidade israelita florescente, sendo citado no Talmud um rabbi-celebre des'a cidade Rabbi Hanninah.

Pode afirmar-se que pelo menos ha 23 séculos existem comunidades israelitas na Numidia e Mauritania.

Extracto do trabalho «Le Juif de la Méditerranée» por Mauricio Messeca de Alexandria.

Os *traficantes* do país de Israel frequentavam então os *emporía* cartagineses; eles estavam proximo do occupante pemica pela raça e pelas trocas.

Cartago romana compreendeu os judeus nas suas instituições e concedeu-lhes privilégios particulares. Com os seus compatriotas, eles resistiram aos invasores. A Kahena esta ruina fabulosa que, na historia, simbolisa a luta pela independencia, era, segundo o historiador arabe Ibn Khaldun, de origem judaica.

De Raul Darmon—«L'Univers Israelite».

VIDA COMUNAL

LISBOA

Distinções—O nosso prestigioso correligionario, digno Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa, Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, Dr. Moses Bensabat Amzalak foi doutorado pela Universidade de Estrasburgo (França) por notaveis trabalhos literarios. E' este nosso correligionario um dos luzeiros brilhantes do judaismo português. insigne publicista a quem o renascimento intelectual luso-judaico já muito deve.

—Pelo Governo do Japão foi 'agraciado' com o grande officialato da Ordem do Sol Nascente, o nosso correligionario, o Sr. Capitão-tenente Jaime Athias, digno Secretario geral da Presidencia da Republica Portuguesa.

PORTO

Donativos—O nosso distinto correligionario Dr. Cecil Roth, de Londres, membro benemérito da nossa Comunidade. conseguiu obter para a nossa Comunidade os seguintes donativos:

Uma mãosinha de prata (Yad) para Sepher Thorah, antiga, do snr. Edmond Phillips, de Londres.

Uma bela menorah de Hanucah, do mesmo doador.

Um Sepher Thorah, com manto para uma Comunidade marana, da Western Synagogue de Londres.

Uma bela Ner Tamid, do sr. Howith.

Uma cobertura para Thebah de bordado antigo, do sr. Howith.

Duas meguicloth Esther.

—A Ex.ma D. Hamrah Seguerra em memoria de seu filho Moisés (Q. D. T.) ofereceu dois Talettens para os Talmidim do Instituto Teologico Israelita. Foram entregues aos Talmidim Moisés Abrantes e Samuel Rodrigues.

Visitantes—Muitas pessoas visitaram a nossa Sinagoga, das quais destacamos os srs.: Irade Jaime Roffé, do Pará (Brasil) e a Edwin Edwards, de Londres.

Visado pela Comissão de Censura

Dos 4 cantos da Terra

Estados Unidos—Nas últimas eleições foram eleitos 12 deputados judeus e 4 governadores de estados (entre eles o governador do Estado de Nova York e do Estado de Illinois, a que pertence a cidade de Chicago).

O Presidente Roosevelt, no dia 2 de Novembro último aniversário da Declaração Balfour, enviou á Organização Sionista Americana uma mensagem do teor seguinte:— «O resultado do trabalho hebraico em Erez Israel, desde a Declaração Balfour, deu razão ás altas esperanças aquelles que prometeram a Séde Nacional». Em seguida reporda que foi o Presidente Wilson que empregou os seus esforços para que a Declaração Balfour fosse escrita no tratado de paz, continúa o Presidente Roosevelt:—«O desenvolvimento hebraico na Palestina, desde a Declaração Balfour, é não só um testsmunho do poder creador do Povo Hebraico, mas também, além de levar muito progresso à Terra Santa, permitiu o bem-estar de todos os seus habitantes. Pessoalmente seguirá com a mais profunda simpatia os progressos de Erez Israel. Apresento a vós e á vossa organização os meus sinceros augurios para um continuado e maior successo».

França—Com 74 anos de idade faleceu Salomão Reinach, o famoso arqueólogo e académico francês.

Ele era o último dos três irmãos Reinach, todos os três bastantes activos na vida hebraica, e todos três illustres pela sua actividade ou política.

Salomão Reinach, fazia parte desde a sua fundação, do Concelho da Associação de Colonização Judaica (I. C. A.). Era, como os seus irmãos, um adversário do movimento sionista, apesar de lôr tido cordeais relações com Teodoro Herzl, o apóstolo do Sionismo.

• • •

Obra do Resgate

Aliança de Abraham—No dia 19 de Janeiro foi recebido nesta aliança o cripto-judeu José da Costa, de 55 anos de idade, natural de João Batista de Pinheiro (Castro Daire). Recebeu o nome de Abraham.

Dr. Ariel Bension

Faleceu o Dr. Ariel Bension, que era o Rabbi-mór da Comunidade Sefardita de Belgrado e que foi, vários anos, delegado do Keren Hayesod.

Descendente duma familia rabinica, êle dedicou se com amôr á actividade hebraica, e foi um mensageiro do movimento sionistico em todos os países sefardis. Foi o primeiro que fez a propaganda no estrangeiro dos maranos de Portugal.

Escritor de garbo deixou trabalhos em poesia e em prosa, em hebraico, em alemão e em inglês.

O Dr. Bension tinha a sua residência estável na Palestina.

Morreu ainda jovem apenas com 45 anos.

• • •

Terra de Israel

A morte do grande sacerdote samaritano

O Sumo Sacerdote dos Samaritanos, Reverendo Isaac Ben-Iras Ben-Aruram (que se intitulava Kohen Gadol) morreu em Samaria (Nablus) com setenta anos de idade. No funeral compareceu toda a Comunidade Samaritana, calculada em 190 pessoas, e os representantes da Jewish Agency e do Vaad Leumi.

• • •

Secção Sionista

Cincoenta anos de reconstrução

Aqueles que conhecem as descrições dos inumeros peregrinos e viajantes que visitaram a Palestina durante a Idade Média e nos tempos modernos sabem que, sejam essas descrições feitas por cristãos ou por judeus, nelas apenas encontram histórias de tumulos e de ruínas, pobres vestígios de uma civilização que foi florescentíssima.

Nos últimos cinquenta anos, porém, houve uma modificação brusca no destino do paiz. Hoje, os viajantes contam maravilhas de uma nova vida, vida jóven sobre um solo antigo. Tanto no campo como nas cidades um novo e enérgico ritmo substitue a elegia das ruínas.

Como teve lugar esta transformação, quási que incrível? Como, em cinquenta anos, tomou o paiz uma nova forma? Eis aqui a história que nos propomos contar, brevemente, e, por assim dizer, incompletamente. A historia começa pela chegada de um punhado de jóvens á terra quási deserta da Palestina. Numa tarde tórrida de Junho de 1882, treze rapases e uma rapariga desembarcaram em Jaffa, vindos da Russia, paiz ensanguentado pelos progromos. Vinham reconstruir uma pátria na Terra Santa. Dois meses mais tarde seis outros se juntavam a este pequeno grupo. Dezanove homens e uma mulher tinham deixado os estudos universitários para trabalhar o solo que fora dos seus antepassados e viam-se sós, sem ajuda, num paiz deserto. No mesmo ano Richon-le-Sion estava fundada.

1882 foi um ano memoravel. A *Porta da Esperança* (Petah Tikvah), colónia fundada anteriormente por esforçados judeus de Jerusalem e mais tarde abandonada, porque a febre palustre desvastou os colonos, recebeu um novo impulso. E a *Pedra Angular* (Ros-Pinah) da colonisação judaica na Alta Galileia foi colocada.

O povo sem lingua viu reviver o seu idiôma natural. Graças ao zelo de Ben Yeudah o hebreu substituiu a Babel de linguas faladas pelo punhado de judeus da Palestina, Foram fundadas duas revistas hebraicas, ponto de partida da imprensa hebraica moderna. Hoje, mais de cinquenta periódicos circulam na Palestina.

Na ultima década do século o movimento imigratório assumiu proporções consideráveis. Numerosas sociedades particulares adquiriram terrenos para os seus irmãos da Russia e da Romenia. Yehoshua Hankin, *o redentor do solo*, comprou um deserto coberto de areia aonde fundou Rehoboth, a joia da Judeia.

Lutando contra um clima inospitaleiro, e contra visinhos malfasejos, centenas de judeus se enraizaram na Palestina. Bcm cedo,

porém, as portas do paiz se fecharam aos imigrantes e a especulação financeira dos agentes privados foi desastrosa. A emigração começou.

Entretanto, ensaiou-se a compra de 200 000 dunams de terrenos no Emek, mas, como o Keren Kayemeth não existia ainda, o ensaio fracassou. A sêde de terras ficou por apasiguar até 1921 aho em que a obra de redemção foi continuada. Nos nossos dias, o Vale de Jezreel tornou-se o centro mais importante da colonisação judaica em Erets-Israel.

O reinosinho de trabalho, conquistado pelos judeus, estende pouco a pouco as suas fronteiras. As montanhas desnúdas da Judeia ouvem, pela primeira vez depois de 18 séculos, um golpe de picareta judaica. A colônia de Motsa foi fundada, aldeiasinha corajosa que, pilhada em 1929 reviveu imediatamente mais vigorosa do que nunca.

Surgindo dos pantanos, que faziam vítima inumeráveis, devido ao seu ar petisencial, aparece Hedera, creada na Samaria por um punhado de operários. E Petah Tikvah, a mãe das colónias, estende as suas possessões até Kfar Sabah, a primeira aldeia judaica do Vale do Saron á qual a cultura das plantações dará um novo desenvolvimento.

O Hebreu ganha continuamente terreno. As escolas da Aliança Israelita, introduzem no seu programa o ensino de várias matérias em hebreu. Em 1892 os Palestinofilos da Russia (*Hoveve Sion*) levantam em Jafia a primeira escola, aonde o hebreu domina todo o ensino. Nessa época, dois mil alunos recebiam educação nas escolas hebraicas. Hoje o seu número eleva-se a 30.942. Desde os jardins da infancia até á Universidade, 220 escolas preparam uma nova geração de trabalhadores em todos os domínios da sciência e da vida.

O sôpro da civilização paira sobre a Palestina. Em 1894 é construida, neste canto recuado da Asia, o primeiro caminho de ferro que ligou Jaffa a Jerusalem. Hoje o país é atravessado por uma rede de caminhos de ferro formando um centro importantíssimo de tráfego no Próximo Oriente.

(Continua)